

HÁ PERSPECTIVAS POTENCIALIZADORAS DE UMA EDUCAÇÃO POPULAR MERLEAUFREIREANA?

Maria Aparecida **Rezende** – UFMT

Luiz Augusto **Passos** – UFMT

Resumo

Esta comunicação coteja pesquisas acadêmicas, oriundas de programa de pós-graduação em Educação Mestrado/Doutorado, de Universidade Federal qualificada com nota 4, pela CAPES. Dialogamos com orientação teórico-metodológica de M. Merleau-Ponty e P. Freire. Seleccionamos pesquisas por nós realizadas com populações com diversidades étnico-culturais e populações urbanas em vulnerabilidades. Escolhemos tese realizada com mulheres anciãs Xavante que demandavam sistematização de sua educação para as futuras mães, defendida (2012) em cotejo com tese defendida (2014) com pessoas em condição de rua sob metodologia merleaufreireana, em busca de pronúncias pedagógicas dos oprimidos para a cidade. Constatou-se cerceamento da ordem jurídico-legal, monolítica, colonizadora e genocida contra os “excluídos”. Se a orientação merleaufreireana que permitiu enxergar ‘pelo avesso’ compreensão e interpretação, poderia, ela, sugerir caminhos merleaufreireanos de educar pelo avesso? Propor luta contra despotencialização simbólica, pela ligação orgânica natureza/cultura e ecologia de saberes, artes, espaços e tempos rebeldes, para lutas emancipatórias?

Palavras-chave: Educação popular. Ecologia de saberes. Fenomenologia merleaufreireana.

HÁ PERSPECTIVAS POTENCIALIZADORAS DE UMA EDUCAÇÃO POPULAR MERLEAUFREIREANA?

INTRODUÇÃO

Merleau-Ponty e Paulo Freire mais que um *diálogo*, estabelecem um *poliálogo* criativo e arriscado. Ambos dialogam com um extenso número de autores irritando as fronteiras demarcadas pelos bretes das metodologias clássicas. Convidam-nos, desta forma, a abandonar a comodidade de chegar na casa arrumada, organizada em biombos, e expor-se região fronteira do vivido buscando a tensividade do contraponto. Partir, nu e despido de preconceitos e certezas na direção da esperança é a missão.

Sintonizar os saberes corporeificados pela experiência, e realizar o melhor que se possa, a difícil parturição em palavras de conceitos que comuniquem, ao menos, alusivamente, a experiência. Os fenômenos invadem o corpo do pesquisador enunciando sentidos, sempre inéditos, jamais vãos. Eles não se amoldam, não se amansam ao leito de Procusto de qualquer metodologia preestabelecida, posto que toda a vida é ebulição.

O SER põe chama e recusa a deixar-se torcer por fórmulas preconcebidas, dos métodos mágico-divinos da laica ciência, que dobra joelhos a conceitos e categorias apriorísticas, que impeçam quaisquer mudanças por surpresas não anunciadas que nos cause vertigens em face de nossa natureza demasiado humana e mortal. Mecanismo de defesa, este mais adequado a ser curado por Freud, do que pela fé positivista! Ai dos que legitimam a Palavra eterna e imutável dos Oráculos do cientificismo que matam a vida e a curiosidade epistemológica.

A intencionalidade merleaufreireana é a de identificar um campo no qual toda a diferença se reconheça como universalidade compartilhada, sem que se destruam as singularidades próprias de toda e qualquer criatura: isso é Merleau-Ponty, Paulo Freire, Boaventura de Souza Santos e, também, Clifford Geertz. Que se busque nas vísceras ontológicas do SER a região em que todos os fenômenos particulares e singulares, e toda a realidade pluriversa revele a comunhão de todas realidades com direito à autonomia na comunhão emancipatória e polifônica, que convoque à uma educação emancipatória que supere a cultura da ordem monádica, que nos livre das colonialidades que em todos nós, habitam.

Diálogo sobre pesquisas merleaufreireana

Intentamos, pois, descrever, acerca das perspectivas que se desenham em face de um compartilhamento das fenomenologias, a freireana e a merleaupontyana, com reflexo à educação popular. Procuramos, por isso, realizar pesquisas, com populações e, condição de vulnerabilidade e de singularidades culturais rejeitadas; marcadas, por isso, pela cultura de plantão, dominante e colonial que quer destruir tudo que resiste a homogeneização.

A primeira tese doutoral por nós selecionada foi defendida em 2012. Realizada com mulheres indígenas, etnia Xavante, cujo foco era a educação das mulheres, para garantia da sobrevivência biopolítica e simbólica nesta sociedade. A segunda pesquisa, que utilizaremos como contraponto, entrevista pessoas e trabalhadores(as) em condição

de rua, cuja investigação compõe um conjunto de quatro dissertações de mestrado, e cinco teses doutorais, duas delas já defendidas em 2013 e 2014, e outras prolongar-se-ão para defesa, até o ano de 2017.

O que tem de comum às pesquisas citadas ao longo desse texto e orientadas por uma metodologia merleaufreireana? A descrição do vivido. O escutar das vozes do/a outro/a. O respeito com as pessoas pesquisadas sem que os sujeitos se sobreponham aos outros sujeitos. A percepção das pessoas enunciadas por elas mesmas. Vida relacionada com a natureza em que se percebe nitidamente que a ‘humanidade’ não é o centro da vida.

O registro das vivências na perspectiva da vida que se mostra, vida nua, excluída do direito de viver. Compreensão do corpo encarnado com a palavra que faz a leitura de mundo e mostra onde e quando mudará os rumos das vidas presentificadas no seio de uma sociedade capitalista, cega de ambição, orgulho e acúmulo do capital. É o que desumaniza as pessoas. De acordo com Paulo Freire, tanto o opressor como o oprimido são desumanizados. O opressor pela ganância de acumular riquezas e o oprimido pela dor da fome, da miséria e do trabalho explorado, negando-lhe o direito de viver.

A essa compreensão metodológica poderia ser somada outra palavra - *rede*—registrada pelo antropólogo Eduardo Viveiro de Castro (2007, p. 98), inspirado em Bruno Latour, descreve o que se entende por *rede*. Ele afirma:[...] uma rede não é uma coisa, porque qualquer coisa pode ser descrita como uma rede. Uma rede é uma *perspectiva*, um modo de inscrição e de descrição, ‘o movimento registrado de uma coisa à medida que ela vai se associando com muitos outros elementos’Mas essa perspectiva é interna ou imanente; as diferentes associações da “coisa” fazem-na ir diferindo de si mesma — é a coisa ela própria que passou a ser percebida como múltipla. Em suma, não há pontos de vista *sobre* as coisas; as coisas e os seres é que *são* os pontos de vista.

Nessa direção a *rede* vista sob o prisma da inscrição e descrição pode movimentar-se no contexto da metodologia merleaufreireana, pois todos os elementos da vida, visíveis e invisíveis vão se associando entre si internamente e imanentemente tornando essas vidas como pontos de vistas delas mesmas, em conexão no sentido merleaupontyano, de *quiasma*. O *quiasma* é a fissura do mesmo que implica uma totalidade criadora.

Ambas pesquisas foram sendo construídas na dimensão do escutar, do olhar, do observar e dos sentimentos das pessoas por elas mesmas expressos na polissemia das linguagens, gestualidades e relações cotidianas com as coisas, mundo, com os outros e outras, na relação direta dos pesquisadores com os pesquisados, nas quais, eles não se furtam como coautores juntamente com os entrevistados, comunicando claramente a impossibilidade e a má fé de esconder-se sob a estratégia do estilo da linguagem neutra, conforme conclui Clifford Geertz (1989), utilizando expressões como “vê-se”; “constata-se”, ocultando quem viu, de que forma e com que interesses, para que o leitor não reconheça autoria humana no texto.

Alguns gonzos são axiais para a fenomenologia. Esses gonzos têm um caráter de tradição das fenomenologias, que abrem perspectivas sem impor limites de fora. Contudo, a tradição parece organizar-se em alguns princípios fundacionais. Entre estes, a não separação entre sujeito e objeto e, portanto entre objetividade e subjetividade. A relação é a pedra angular onde repousa toda a filosofia, pela qual tudo se relaciona a tudo, de sorte que dada está fora sem que também esteja dentro e vice-versa. A relação é a dimensão da centralidade do ato criador.

Expor-se ao entrecruzamento de olhares, e sempre se pôr no campo fronteiro, sem fechar-se em uma episteme limitadora de considerar também o inverso como uma possibilidade aberta. Estabelecer, a partir disso, um poliálogo que explode a bitola estreita do diálogo.

Não dissocia os polos de tensão, as antinomias, pela eliminação de um polo de atrito. Considera a perspectiva merleau-pontyana de não eliminar facilitando sínteses, fechadas, e terminais, de sorte a que se mencione a perspectiva dialética e acabe se ficando só com um dos polos, e terminando a tensividade, impedindo possibilidades de criação. Neste sentido que, mediante uma dialética aberta, Merleau-Ponty fala de hiperdialética que não permite o isolamento de determinados aspectos, neutralizando outros. Não haverá sínteses terminais ou finais, estabelecendo racionalidades fechadas, universalizantes, Contra todos os reducionismos.

A vulnerabilidade faz parte da condição epistemológica dos seres humanos. Há, por isso, como condição, um mistério do conhecimento. O conhecimento sendo inexaurível, sempre pode ser mais conhecido, e o progresso em suas sendas, implica o

que Sócrates experimentava, uma doura ignorância, sabe-se que o caminhar no conhecimento, amplia horizontes que a cada passo, se distancia de nós.

A fenomenologia se libera de todo o antropocentrismo, gestado entre os modernos e que se aprofunda em Hegel, retomado por Marx. Neste sentido, Merleau-Ponty se distancia aos poucos do “humanismo moderno”, que rejeita nossa condição de animalidade. Em Merleau-Ponty é fundamental se reconciliar com nossa animalidade. A violência nunca esteve do lado dos animais e da natureza, mas sempre partiu dos humanos e sua cultura discriminatória. Tudo nos diz respeito.

A categoria corpo próprio, que é a singularidade de cada pessoa, possui do mundo um olhar que a abarca como ela mesma se revela como fenômeno naquele corpo. E esta singularidade própria, corpo próprio, conhece do mundo real, uma de suas faces, não conhecidas por ninguém mais que não esteja sob esta pele. Por isso, a necessidade da polifonia, do poliálogo para conhecer melhor o mundo de invisibilidades que não teremos acesso senão pelo cruzamento de olhares. Ninguém, contudo, jamais estará fora de uma universalidade que a tudo, todos e todas, contém: a carnalidade. A carne do SER excede a ele mesmo em sua unidade e multiplicidade, e nela tudo se torna comum sem que jamais suprima seu nome e sua face.

Meu corpo não é, pois, o meu limite mas minhas possibilidades ilimitadas. Possibilita a criação de outros seres, outras linguagens e expressividades criadoras, e de poder conter outros seres e corpos, nele. Um único sentido, o tato, me pode dar a saber de mim e do outro. Somente confiro minha existência para além do sonho por minha localização espacial, que também concerne ao corpo do outro. Sem corpo nada sou. O corpo precede qualquer conhecimento. Todo conhecimento é corporal ou não poderá ser conhecido. Falamos para pensar, e não vice-versa. O pensamento não é sem o corpo. O ex-sistir precede o pensar e o ser.

A fenomenologia não concebe a separação do sujeito e objeto, mas de uma inter-relação entre ambos que permite explorar sentidos e mais sentidos possíveis de estarem relacionados sob a polissemia da linguagem. Estes são alguns pontos de acordo nas fenomenologias.

Pronúncias fenomenológicas da aldeia e ruas da cidade

Os espaços pesquisados dizem respeito não apenas a uma ida ou vinda, mas uma ida-e-vinda. Para além da *observação participante*, implica na sua dinâmica, também a

uma *participação observante*, quer nos espaços do trabalho, da produção do cotidiano, nas tarefas da fabricação pessoal e coletiva do cotidiano e nas trocas, intersubjetivas, na qual o pesquisador não se propõe deter - a essência dos sentidos dos sujeitos pesquisados, como se pudesse devassá-los e submetê-los às astúcias do pesquisador(a). Cabe, a toda pesquisa, o esforço do estranhamento/reconhecimento na busca geertziana de enviesar os olhos na direção dos sentidos apontados, por aqueles que possuem sentido e os sentidos dos sentidos, pela corporeificação neles, que sequer precisam de enunciação racional – eis o equívoco das antropologia lévistraussiana e das pedagogias piagetianas – de pretender que só o antropólogo ou educador construtivista, sabe do *outro*, pois estes não sabem discursar sobre os sentidos explicativos, de sorte que fazem o que não sabem, são seres inferiores destituídos de razão. Também uma criancinha sabe do mundo, sem a esquizofrenia do pensamento simbólico. Enquanto, forasteiros, cabe-nos metodologicamente o esforço da descrição densa, e de realizar uma certa ‘tradução’ sempre parcial da experiência de um outro, em coautoria, na qual o pesquisador, enquanto sujeito, se assume também como produtor do sentido em relação com a alteridade, buscando descortinar os sentidos possíveis e abertos de significação expressos pela linguagens, gestualidades, relações com as coisas, com o mundo, com outros e outras, a partir da corporeificação dos sentidos e de suas vivências corporais preñes de afetos, no sentido kantiano, de estar afetado por, e comunicar isso em linguagem comunicativa.

Na pesquisa com as mulheres *A'uwẽ* a metodologia foi construída pelas vozes e ações dessas mulheres que recusaram a versão do projeto de pesquisa, elaborado no contexto da academia.

As mulheres mostraram que as vivências delas não caberiam dentro dessa metodologia construída por estranhos. Elas entendiam que para a pesquisa tornar-se um livro de suas vivências, demanda antiga solicitada à pesquisadora, que para ser autêntico, era necessário que esta sentisse no corpo, e encarnadamente, trançasse coisa viva e vivida, provavelmente a imaginação, situação, emoção, condições, e relação com tudo, como elas trançam do nada as folhas do buriti.

A experiência destas pessoas mostram o que Benjamin chama “vida nua”. Seres banidos, abandonados, expressos por Agamben, que os caracterizava, no Direito

Romano, como *homo-sacer*.¹ Esta vida atropelada pela ausência de direitos, como afirma Agamben (apud RUIZ, 2012, p. 33):

[...] é a vida abandonada pelo direito. É o que Walter Benjamin denominou de pura vida nua. A particularidade do *homo sacer* é que ele é incluído pela exclusão e excluído de forma inclusiva. Esta figura paradoxal captura a vida humana pela exclusão ao mesmo tempo em que a inclui pelo abandono. É uma vida matável por estar fora do direito, mas por isso mesmo ela não pode ser condenada juridicamente. Está exposta à vulnerabilidade da violência por ser desprovida de qualquer direito, sendo que tal vulnerabilidade se deriva de um ato de direito que a excluiu.

Este ordenamento legitima que qualquer pessoa, revestida desse conhecimento para proteger a “democracia” possa travestir-se de soberano, e executar como sacerdote da ordem, os rituais de expropriação, torturas, detenção arbitrária, e se julgar necessário exterminar a vítima, sem culpa. Nesta situação específica, a caricata ‘democracia’ mostra sua condição de ‘palavra de ordem’, decreta sua inexistência. A serviço do capitalismo e seus rituais sacrificiais que sustentam a ordem econômica, inclui sacrifício sangrento de todos os oprimidos e explorados, na condição de animais desprovidos de direitos. Esta aura religiosa, legitima a sacralidade, que se circunscreve às catedrais modernas – Shoppings, Bancos, Magazines – com seus sacerdotes e adoradores. Segundo Agamben (2012), inspirado em Benjamin, Deus não está morto, transformou-se em Dinheiro. E o capitalismo é uma religião, a mais cruel e desesperada religião que circunscreve as vítimas numa culpa sem redenção, na qual não há perdão.

Ambas as pesquisas, respeitantes às mulheres Xavante e às pessoas em condição da rua, enunciam que nossa sociedade mantém na invisibilidade possível, sem estruturas físicas detectáveis, ou de maneira alardeada, uma proscrição da existência destas pessoas. Tais vidas abandonadas e ameaçadas, por sua vez, também excluem os viventes de “fora” do campo que elas vivem, assim o ato mais importante de administração do cotidiano Xavante, a assembleia dos anciãos (*wara*) que, ritualmente, tem lugar duas vezes por dia, logo ao amanhecer e na boca da noite, não possui qualquer estrutura nem demarcação espaço-temporal da qual dependa. Também os moradores, buscam nichos, linguagens, gestualidades, inscrições que mal denunciam sua

¹Castor M. M. Bartolomé Ruiz. A sacralidade da vida na exceção soberana, a testemunha e sua linguagem. **(Re)leituras biopolíticas da obra de Giorgio Agamben**. Artigo apresentado pelos *Cadernos IHU* em sua 39ª edição, de 28 de maio de 2012.

organização. Escondem em seus corpos a inscrição da desconfiança e do temor de serem ainda mais violentados e vulneráveis ao direito de viver.

É falso creditar um sistema filosófico a Merleau-Ponty. Ele é, antes, um peregrino que em tudo se detém, prova, busca entendimento e relaciona com o conhecimento nascente. Sua formulação não é bêbada. Vai ao miolo das questões, diz se por ali há futuro ou se a trilha poderá ser desimportante. Desde a primeira inspiração surpreende a qualquer leitor o escrupuloso acervo de autores, com os quais de maneira delicada, M. Ponty recupera suas contribuições. Assevera a complexidade da tarefa de, ao invés jogar fora toda a tradição da filosofia que o precede, toma o “caminho mais longo”, curvar-se sobre ela e recuperar expressões de sentido contemporâneo. Filósofo do corpo e da palavra do corpo. Seus textos são uma continuidade, que da fenomenologia chega a uma ontologia de forma circular. O que aparece é também o que é. Não somos nós que vamos às coisas, elas se a-presentam a nós. Não há hierarquia entre saberes. revelou que Merleau-Ponty dizia, que enquanto Sartre se prendia a acontecimentos, ele já fazia história. Filósofo exigente e trabalhoso, segundo Marilena Chauí, dá o que pensar. Abre caminhos inéditos. Dialoga com a Gestalt, a Psicanálise, a Antropologia, a Pedagogia, a Embriologia e a neurofisiologia sem jamais admitir o desligamento de todas estas coisas e entre elas conosco.

É, por este compromisso ‘intelectual’, ético e político de não pescar em águas rasas que encantou Paulo Freire, quando em suas aulas no Collège de France. Cativava ainda Freire, por uma filosofia que tinha compromisso com a terra, com o mundo, com as lutas por justiça. Sua filosofia aspirava, sonho que compartilhava com Sartre, antes mesmo de se conhecerem, que se pudesse tratar as coisas mais cotidianas e prosaicas, com rigor e grandeza filosófica. Autores, os dois do cotidiano.

Por outro, um militante político aguerrido. Participou da resistência francesa, em armas; lastimou que se possa neste lugar estabelecer uma diferença indecente – a qual sentiu em si mesmo –, que se permitia odiar o outro que defendia à morte as razões de sua pátria, como ele, Merleau-Ponty, era capaz de fazer pela sua. Não admitiu a violência de Estado, nem o colonialismo. Optou abertamente pela independência da Argélia, sufocada pela violência ensaiada pelos horrores da Operação Condor que gerou o terror em todo o continente latino-americano, particularmente, Chile, Argentina, Paraguai e Brasil e a violência em países centro-americanos como Guatemala, El Salvador, Nicarágua, Honduras. E, embora tendo sido filiado ao Partido Comunista

Francês, o abandonou de forma pública, rompendo com Sartre durante este período, pois a Primavera de Praga ganhava apoio popular, tendo sido sufocada com invasão de tanques legitimados pelo Pacto de Varsóvia, quando os soviéticos se julgaram confrontados. Merleau-Ponty afirma que todo o totalitarismo é uma tara.

A ocupação da Tchecoslováquia durou até 1990. O domínio que se estendeu ao ano de 1990. Não entendia que os filósofos e sujeitos do conhecimento estivessem de costas das questões mais universais, e daquelas que faziam sofrer os mais débeis. Apoiou desde sempre os movimentos da rua, donde se empenhava para melhor compreender o mundo.

Merleau-Ponty se insurgiu contra os modelos da filosofia das luzes. Por seu universalismo abstrato, por suas categorias que prescindiam do vivido, por seu *humanismo* evaporado e desumano, ao qual ele fortemente rejeitou. Fica claro, em sua obra, que o antropocentrismo, sobretudo Hegeliano, culmina marcando o marxismo de plantão, e estabelecem, ambos, o rompimento de uma ordem biopolítica que dispensa a relação essencial com o limite epistemológico de origem que nos acompanha, nos dilacera de nossa relação com a natureza, e nos coloca em uma situação de desigualdade e dominação, insustentável como seres de natureza. Neste preciso sentido, ele avança para duas dimensões antropológicas fundamentais que sublinhamos para ressaltar, a incapacidade de reconhecer o outro como o outro eu de mim. E a incapacidade de reconhecer ademais, toda a dimensão cósmica do universo, em sua pluriversidade como estofo de continuidade de nossa condição de vida. Não mais faz sentido o dentro e o fora. Tudo o que está dentro de mim, como ser histórico, emergência em tempo e espaço, e sexualidade, como condição de aparecimento no mundo, em que EU-OUTRO-MUNDO e toda a criação, e todos os seres não humanos, são partes de mim e de todos e tudo, que me dizem respeito.

Merleau-Ponty é um apaixonado pela arte, e concebe que nela, são perfeitas e terminais. Não percebemos que para aqueles pintores, escultores, literatos, sua obra era uma escolha de parte de uma totalidade que sabiam que os ultrapassava. No confronto afirma que a arte contemporânea expressa melhor o inacabamento. Inacabamento que convive com tudo, e é uma lástima que alguns prefiram muito mais a verdade terminal e absoluta como palavra e discurso, do que a verdade viva, sem termo. Volta-se enfim a um conceito desenvolvido a seu modo por Boaventura de Souza Santos que é a necessidade da ‘tradução’, dos entes e coisas invisibilizadas e sepultados aos olhos de

grandes majorias, por uma ausência e cegueira decretadas, impedindo a leitura do mundo, que caberia à filosofia e à luta humana banir do mundo.

Todas estas dimensões perfazem a agenda de Paulo Freire. Uma filosofia cujo eixo ético, estético e praxiológica que não fragmentasse a vida, não dividisse âmbitos de forma inconciliável e fatiadas. O conceito carne em sua outra face, é a reconciliação de toda a universalidade se apartasse da vida viva. Quando Paulo Freire resume sua vida como gostaria de ser conhecido menciona que fosse como um homem que amou as pessoas, as coisas, os animais e as plantas. Dizia de sua absoluta identidade com todas as coisas, com os livros, com as crianças, com os negros, com os oprimidos sempre vivendo na perspectiva do cuidado, do rigor, da busca crítica de superar a inocência de uma saber, superficial e distanciado. Merleau-Ponty aponta que seu trabalho filosófico é similar a do artesão, que tece no avesso, para que todo o sentido e beleza se expressem em sua pujança. Filósofo do visível e invisível vistos como duas faces do mesmo. Nada se dissocia. A vida excede. A natureza tem a inteireza original que perdemos com a ‘civilização’ que cindiu o vivido de um pensado evaporado e sem substância.

Paulo Freire enfatizava nos seus textos certo antropocentrismo que foi exagerado em seus comentadores, que se tudo começasse e terminasse no termo maior da evolução da espécie, sob uma hierarquia um pouco cruel, comparativa, sem perceber que as espécies animais possuem dimensões, simples, como o desenvolvimento do uso do cérebro, como o desenvolvimento dos neurônios espelhos – estudados e preconizados por Merleau-Ponty e que são centro dos estudos da Neurociência, que procura compreendê-los na esteira aberta por Merleau-Ponty. Contudo, ainda que crítico ao falocentrismo da psicanálise, Merleau-Ponty não se livrou do uso, na filosofia, do vocábulo HOMEM que subsume as mulheres, como uma consequência da filosofia moderna ocidental patriarcal sua violência política. Ambos abrem janelas, portas e lombos nas paredes. Ambos desenvolvem críticas amargas contra a violência de classe, da guerra, da fome, e da supremacia das ideologias, e entre de razão por sobre os entes vivos e não humanos. Ambos concebem até o fim a consequência ecológica radical inseparável da comunhão de todos, todas com tudo, Merleau-Ponty a funda como um ato criador ontológico inseparável da carne do ser primordial no qual tudo é absolutamente universal. Essa é a mesma vivência pedagógica de Paulo Freire. Ambos foram tecedores de uma pedagogia cuja maior expressão é a tecitura de humanidades singulares, como ato criador autopoietico e íntimo, em diálogo com o mundo, a

sociedade, a cultura. Fazimento criador, ininterrupto pela vida inteira, como seres-palavras-relação que se expressa de forma inédita, em uma Carne do Ser primordial absolutamente universal e comungante. Todos e todas têm o direito, único, de poder se expressar do jeito que podem, e de serem acolhidos por todos, todas e tudo como milagre onde somente naquele corpo será conhecido faces de um mundo que não existirá fora dali.

Acreditamos, e as pesquisas parecem sugerir, há perspectivas potencializadoras para uma educação popular que beba na interlocução de Paulo Freire com Merleau-Ponty, iniciada fortemente não apenas no estilo mas na forma contundente e radical como Paulo Freire se assenta na fenomenologia, por vezes, com formulação husserlianas na *Pedagogia do Oprimido*. Razão pela qual foi rejeitado por algumas correntes do marxismo que viam deslizes do idealismo hegeliano ou revisionismo do marxismo em Paulo Freire. Nesse sentido Paulo Freire antecedeu seu tempo. E pode afirmar sem pestanejar que era dialético e fenomenológico. Revela mais. Na pedagogia da indignação põe entre os seis autores de sua inspiração, Maurice Merleau-Ponty.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. Deus não morreu. Ele tornou-se Dinheiro. Entrevista com Giorgio Agamben. Peppe Salvà. In [Ragusa News](#), 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben> 2012> Acesso em: 19 mar. 2015.

CAPALBO, Creusa. A subjetividade e a experiência do outro: Maurice Merleau-Ponty e Edmund Husserl. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 13, n. 1, jun. 2007. Disponível em: <http://migre.me/pbXB8> Acesso em: 18 mar. 2015.

CASTRO, Eduardo Viveiro de. Filiação intensiva e aliança demoníaca. In **Novos Estudos**, São Paulo, CEBRAP, 2007, p. 91-126.

COLTRO, Alex. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de Pesquisa em Educação**, São Paulo. v. 1, n. 11, 2000. Disponível em: <<http://www.regeusp.com.br/arquivos/C11-art05.pdf>> Acesso em: 18 mar. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MAYBURY-LEWIS, David. **A sociedade Xavante**. São Paulo: Francisco Alves, 1984.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte ISSN (versão eletrônica): 1678-4669. Disponível em: <www.scielo.br/epsic>. Acesso em: 18 mar. 2015.

RUIZ, Castor M. M. **A sacralidade na vida na exceção soberana, a testemunha e sua linguagem: (Re)leituras biopolíticas da obra de Giorgio Agamben**. Cadernos IHU, São Leopoldo, Instituto Humanitas Unisinos, ano 10, n. 39, 2012.